

CAPÍTULO 25

VIVÊNCIAS DE PESSOAS QUE NECESSITARAM DE CUIDADO HOSPITALAR DEVIDO A COVID -19: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS

Letícia Lorenzoni Lasta
Anna Limberger

RESUMO

A doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, a Covid-19, apresenta distintos quadros clínicos, pois existem variações em relação às sintomatologias. O manejo clínico desta doença difere frente a gravidade dos casos. Para casos leves, inclui medidas de suporte e conforto, isolamento domiciliar e monitoramento até alta do isolamento. Para casos graves, inclui a estabilização clínica e o encaminhamento a centros de referência ou serviço de urgência/emergência ou hospitalares. No que se refere ao ambiente hospitalar, sabe-se que este é constituído pelo hospital, enquanto instituição, que como tal possui regras e normas de funcionamento; pelo doente, que passa por um processo de adoecimento; e, pelo processo de hospitalização. A necessidade de estar em um hospital acaba precipitando a adaptação às mudanças decorrentes disto, o que por sua vez pode vir a gerar certos impactos psicossociais que merecem ser pensados. Desse modo, neste capítulo, coloca-se em análise cinco entrevistas realizadas com pessoas que necessitaram de algum tipo de cuidado hospitalar devido a Covid-19, no período de 2020 a 2021. Nas entrevistas, buscou-se investigar os impactos psicossociais causados pela doença, de modo a analisar seus efeitos sobre a vida dos sujeitos, no que tange a qualidade de vida, as relações familiares e o trabalho. O delineamento teórico metodológico caracterizou-se como de abordagem qualitativa, cuja análise dos dados foi realizada a partir da análise de conteúdo tal como proposto por Laurence Bardin. Como resultados foi possível verificar que durante e após a doença os sujeitos da pesquisa apresentaram algum tipo de impacto, seja no âmbito físico, cognitivo e/ou mental, os quais acabaram por gerar mudanças no que tange a relação com a família, com o trabalho e na qualidade de vida. Todavia, entende-se como importante salientar, que a Covid-19 é uma doença recente e para afirmar que seus impactos podem vir a ser de longo prazo, se faz necessário, o desenvolvimento de estudos e pesquisas com uma amostra maior da população em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Cuidados Hospitalares. Impactos Psicossociais.

1. INTRODUÇÃO

A COVID-19 vírus (Sars-CoV-2) é uma doença que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves causadas pelo vírus SARS-CoV-2. Diante da facilidade de contágio do vírus, algumas medidas de proteção foram adotadas, como a implantação da quarentena, o distanciamento social e o *lockdown*. Desse modo, alguns estudos mostram que o medo e o aumento da ansiedade estão ligados a uma consequência da quarentena em massa.

Com isso, Borges (2020) e Miranda *et al.* (2020) apontam que o cenário mundial foi impactado, a partir do ano de 2019, pela pandemia do novo Coronavírus, bem como, por todas as implicações que esse cenário pandêmico global trouxe consigo: o distanciamento social e suas consequências, novas configurações de modos de trabalho, incertezas sociais, impactos econômicos, entre outros. De acordo com Arruda (2020) em nenhum outro momento da

história, um fenômeno de tamanho impacto acometeu de forma tão generalizada, a vida das pessoas. Portanto, a Covid-19 impactou de diferentes formas, a vida de todos, e isso requer a adaptação dos sujeitos diante dos mais diversos campos sociais que estão inseridos.

De acordo com dados obtidos a partir da cartilha “*Os efeitos biopsicossociais do Coronavírus: interfaces na saúde mental*” cerca de 80% das pessoas que foram infectadas pelo vírus da Covid-19 recuperaram-se sem que houvesse a necessidade de atendimento hospitalar, e, uma a cada seis pessoas infectadas ficaram gravemente doentes ou sofreram alguma dificuldade respiratória. Este material ainda aponta que, pessoas idosas ou com comorbidades, como pressão alta, diabetes, câncer, obesidade, têm um risco maior de desenvolver um quadro mais grave da doença. No entanto, é possível pessoas com quadros de saúde sem nenhuma comorbidade apresentarem formas graves da doença (RIO GRANDE DO SUL, 2021).

Tendo em vista as especificidades deste cenário pandêmico, os sobreviventes da Covid-19 estão mais propensos a apresentarem taxas aumentadas de transtornos psiquiátricos, bem como, agravar quadros que já estavam presentes anteriormente. Para além de transtornos psiquiátricos, a doença causou e ainda causa na sociedade um sentimento de angústia e medo, gerando sensações de incertezas, bem como modificações nas relações dos sujeitos e como se colocam no mundo e em suas realidades (RIO GRANDE DO SUL, 2021).

Diante de tais dados, para os casos graves decorrentes da Covid-19, em que há o encaminhamento aos serviços hospitalares, sabe-se que a hospitalização gera a interrupção das rotinas cotidianas, do contato com o ambiente familiar, pois a presença de equipamento estranho e ameaçador, a necessidade de administrar tratamentos ou meios de diagnóstico, a necessidade de fazer contato com muitas pessoas entre o pessoal técnico e auxiliar, e a impossibilidade de manter o controle sobre os acontecimentos, são condições que dificilmente podem ser administradas (BARROS, 1998). Neste sentido, estar em um hospital, evidencia a incapacidade de cuidar-se de si mesmo, o que conduz a revisão de valores de vida.

A abordagem psicossocial concebe os sujeitos nas mais diversas dimensões, sob a influência das relações sociais, políticas e econômicas. A partir dessa concepção, é possível articular como o adoecimento e a possibilidade de morte podem afetar um conjunto de aspectos na vida das pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção da Covid-19.

Considerando os possíveis efeitos devastadores da pandemia na sociedade, faz-se necessária a investigação sobre quais são os impactos psicossociais relacionados à vida dos sujeitos, as suas percepções acerca da própria qualidade de vida e como as relações familiares

e de trabalho foram atingidas. Na medida em que a saúde tem sido reconhecida como completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença (OMS, 2001), problematizações acerca dos efeitos da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 sobre a subjetividade dos sujeitos se fazem importantes.

A partir dessas considerações, o presente capítulo tem por objetivo apresentar, mediante a análise de dados das entrevistas realizadas, os possíveis efeitos psicossociais da Covid-19 na vida de pessoas que necessitaram de algum tipo de cuidado hospitalar devido a infecção. Assim, o texto se organiza da seguinte forma: em um primeiro momento, apresenta-se os procedimentos metodológicos e, a seguir, são trazidos alguns excertos das entrevistas para evidenciar os efeitos psicossociais no que se refere a qualidade de vida, família e trabalho após a doença causada pelo vírus SARS-CoV-2.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados aqui apresentados são resultantes da pesquisa de Trabalho de Curso em Psicologia, nomeada “*Os efeitos psicossociais da Covid-19 em pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção*”, a qual foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul sob o parecer nº 5.510.571, de 05 de Julho de 2022. A pesquisa valeu-se da abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo (2003), é utilizada quando se busca responder questões que são muito particulares, ou seja, que não são passíveis de serem generalizadas. Nessa forma de pesquisar não há preocupação com a quantificação, sendo que a realidade será compreendida a partir de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p. 21-22).

Para Minayo (2001) definir os participantes de uma pesquisa é uma etapa importante para o processo como um todo, pois além dos indivíduos serem o objeto de pesquisa, se faz necessária terem uma relação direta e clara com a temática de pesquisa, além de contemplarem o problema a ser investigado. Compreendendo tal questão, os sujeitos de pesquisa tinham, no momento do estudo, idade variando entre 25 a 55 anos e haviam necessitado de algum tipo de cuidado hospitalar devido a Covid-19, no período de 2020 a 2021. Esse período foi considerado de maneira que os impactos e aspectos fossem investigados em uma população cujo tempo de recuperação pós infecção tivesse ocorrido em uma delimitação maior de tempo. Portanto,

excluíram-se deste estudo sujeitos que por algum impedimento, como atestado médico, não puderam participar.

Para captação dos sujeitos de pesquisa, optou-se pela técnica da bola de neve “*snowball*”, compreendendo que esse método, segundo Vinuto (2014) “se torna útil para estudar grupos difíceis de serem acessados”. Esta técnica utiliza para a amostragem, em um primeiro momento, o que chama de “sementes”, que são documentos e/ou informantes-chaves, que são utilizados como ferramentas de busca dos indivíduos que apresentem os requisitos necessários para a realização da pesquisa. As sementes foram facilitadoras para os primeiros contatos com os indivíduos. Após foi solicitado que esses primeiros indivíduos selecionados, indicassem novos participantes a partir de sua rede pessoal, o processo então ocorreu até que se chegasse à amostragem mínima prevista (VINUTO, 2014).

Em relação a produção de dados, está se deu por meio de entrevista individual semiestruturada, na modalidade presencial. A entrevista seguiu um roteiro previamente elaborado, que contou com questões que buscavam conhecer os impactos psicossociais da Covid-19 na população em questão. As temáticas das questões contempladas pelo roteiro ficaram em torno dos sentimentos e emoções do período em que houve a necessidade de cuidados hospitalares, o processo de recuperação, as percepções em relação a família, qualidade de vida e trabalho após a infecção por Covid-19, assim como, os possíveis impactos psicossociais oriundos dos momentos vivenciados.

Quanto ao sexo dos/as entrevistados/as, a amostra caracterizou-se por quatro sujeitos do sexo feminino e um do sexo masculino. Os cuidados hospitalares variaram entre: consultas médicas no hospital, e a partir das consultas ficar em observação no hospital; o uso de medicações para o tratamento dos sintomas decorrentes da Covid-19, a realização de exames laboratoriais e de imagem, e, em alguns casos, internação na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).

Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados por nomes fictícios, sendo estes: Julia, 25 anos; Luana, 50 anos; Maria, 55 anos; Marina, 55 anos; e, Roberto, 28 anos. Após o esclarecimento dos procedimentos éticos e científicos, os sujeitos de pesquisa autorizaram, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a sua participação de maneira voluntária na pesquisa. Para fins de registro da produção de dados, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a análise. Os dados foram analisados conforme os três passos metodológicos propostos por Laurence Bardin (2011), a saber: 1) pré-

análise; 2) exploração do material, categorização e codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Tendo em vista os passos propostos, após esses processos, foram definidos os eixos que nortearam o processo de análise e discussão dos resultados.

3. OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA COVID-19: O QUE FALAM AS PESSOAS QUE PASSARAM POR CUIDADO HOSPITALAR DEVIDO A INFECÇÃO?

A análise e discussão dos dados, em relação às cinco entrevistas, foi organizada de modo que seja possível perceber os possíveis impactos/efeitos psicossociais que a Covid-19 deixou na vida dos cinco sujeitos entrevistados/as. Neste sentido, a discussão ora apresentada, tem o intuito de dar visibilidade aos trechos das entrevistas compondo, a partir de referencial bibliográfico pertinente, as análises que aqui foram evidenciadas. Compreender os impactos/efeitos psicossociais na vida desses sujeitos de pesquisa, significa pensar sobre as múltiplas dimensões de existência dos mesmos, em que o biológico, psicológico e social se articulam. Portanto, tomá-los a partir disto, pode vir a potencializar novas formas do cuidado em saúde, em que os sujeitos sejam olhados em uma perspectiva da integralidade. Esse cuidado se torna integral, não levando mais em consideração só o cuidado do corpo/biológico (SILVA *et al.*, 2015).

A pandemia do Covid-19 impôs aos sujeitos, novas formas de ser e se colocar no mundo e o fenômeno desta pandemia carregava consigo o desconhecido. Sujeitos que necessitaram de cuidado hospitalar devido Covid-19 se depararam com algumas situações que podem ter sido impactantes a saúde mental, pois o distanciamento e isolamento do convívio social como um todo, principalmente o distanciamento familiar podem ser geradores de ansiedades, angústias, bem como o próprio medo da morte (MACHADO *et al.*, 2020). Nas falas de Júlia e Marina, é evidente o medo da morte diante do contágio,

Medo, senti muito medo. Porque eu peguei Covid bem naquela época que muita gente pegou, lembra? Que foi logo no início, por maio por aí, março. E só tinha morte, morte, morte e eu fiquei muito assustada (Julia, 25 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Eu fiquei, mexeu bastante com o emocional, não tem como não pensar que não vou morrer, por todo o primeiro ano né, em 2020, principalmente pelo o que aconteceu aqui no Brasil, como foi né, o número de mortes e todos os casos. Então me abalou bastante emocionalmente né, eu fiquei bem pra baixo (Marina, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 05/10/2022).

Sabe-se que as pandemias estão interligadas a diversas fontes de estressores psicossociais, ameaçando a saúde dos sujeitos e de suas famílias, modificações nas rotinas, afastamento da família e redes de apoio, insuficiências em relação a obtenção de alimentos, medicações e também as dificuldades financeiras (GALASSI, 2020). Quando os sujeitos se

deparam com a doença e necessitam do cuidado hospitalar, como a partir da internação, isto pode gerar um sentimento de perda de identidade, pois passam a estar com uma patologia ou diagnóstico. Tal perspectiva do autor, é evidenciada na fala de Luana, ao relatar sobre o resultado do exame,

Só que só piorei e piorei, quando veio o resultado foi em uma quinta, fiz o exame domingo e só chegou na quinta. Eu já tinha ligado pra farmácia São João para fazer um de farmácia e eu ia meio dia fazer o exame e às 11 horas a mulher me ligou. Aqui é da secretaria da saúde e eu disse eu já to morrendo e agora que vocês me ligaram eu disse pra ela, que bom porque demorou. Só para lhe avisar, como a senhora está? Eu digo não tô, eu tô bem ruim, estou em isolamento, não sei se estou com a Covid, mas eu não tô bem. É a senhora testou positivo... Aí é que caiu meus braços né, aí que sim eu me senti com a Covid (Luana, 50 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Pode-se entender que em doenças infecciosas, como a Covid-19, em que é necessário o afastamento do convívio em sociedade para a contenção do contágio, isso se torna muito mais significativo. Os sujeitos quando se deparam despidos de suas crenças e valores, quando se encontram fora da condição de saúde, afastados do convívio familiar, social, laboral e passam a ter uma condição baseada na doença convivem com situações que geram medo, ansiedade e inseguranças (GOMES; FRAGA, 1997). Em duas das cinco entrevistas realizadas, relatos envolvendo tais sentimentos pelos sujeitos que vivenciaram esta condição apareceram,

Quando eu peguei Covid foi no início de janeiro do ano passado. Eu tive muita falta de ar, muita falta de ar mesmo. Não sei se foi por motivos de ansiedade, porque estava começando em um emprego novo e não pude dar atenção. Então qualquer mini passo já me dava muita falta de ar. Então quando fui me consultar com os médicos eles falaram que meu pulmão estava tranquilo para a Covid. Então sempre tinha essa dúvida se era por ansiedade ou não. Tanto que teve uma vez que meu namorado e meu colega de apartamento foram embora, então foi a primeira vez que fiquei sozinho nessa situação e quando me levantei senti meu cérebro inchando, fiquei muito desesperado. Então acho que tinha muito haver com a ansiedade, porque no momento que fui para a casa da minha mãe, ela veio me buscar eu fiquei mais tranquilo, mesmo ainda tendo essa falta de ar. Acho que era uma questão emocional que se misturou (Roberto, 28 anos, 2022, entrevista concedida em 20/08/2022).

Nossa, passa um filme na cabeça né. Tu pensa na família, pensa nos filhos. No primeiro impacto eu pensei que não ia voltar mais para casa (Maria, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 26/10/2022).

A Organização Mundial da Saúde, considera a qualidade de vida, como “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (1995, p. 1405). Nesse contexto, os efeitos pós infecção pelo vírus da Covid-19 podem vir a afetar diretamente a percepção acerca a qualidade de vida dos sujeitos, visto que há diversos indícios que apontam para a piora dos quadros de saúde, além de várias complicações relacionadas às múltiplas dimensões em que estão inseridos (ROSA; FALAVIGNA, 2021). Tal relação da Covid-19 e os impactos na qualidade de vida foram trazidas nas entrevistas:

Olha, eu noto que hoje em dia eu tenho muita dificuldade na parte psicológica. Eu noto que eu tenho muita dificuldade para ficar em ambientes que tenham muitas pessoas, eu não consigo, não fico. Sabe é uma coisa da minha cabeça provavelmente com certeza, mas eu tenho muita dificuldade em ficar em locais que tenham muitas pessoas. Eu fiquei com muito receio disso. De ambiente fechado com muitas pessoas ou pessoas muito perto de mim. Eu fico bem agitada, não é agradável (Julia, 25 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Então mantenho a máscara sempre e ambientes assim, se tenho que sair, vou pro comércio né, tenho que entrar em uma loja, mesmo caminhando no centro com mais gente circulando passando por mim, máscara. É isso assim digamos, que não fico segura sem a máscara, mais ainda com receio de contrair de novo. Considero esses efeitos negativos, porque eu já estava em um processo de tirar a máscara, e aí voltei como se tivesse no início (Marina, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 05/10/2022).

A doença causada pelo vírus da Covid-19, ficou conhecida por sua capacidade de causar grandes impactos em uma parcela dos pacientes infectados. De acordo com estudos, cerca de 20% dos pacientes hospitalizados por Covid-19, desenvolveram complicações mais severas, além de apresentarem necessidade de terapias de suporte a órgãos, como ventilação mecânica e permanecerem por longos períodos em Unidades de Tratamento Intensivo – UTI e em cuidados hospitalares. Nesse contexto, é possível relacionar a diminuição da qualidade de vida frente à saúde (QVRS) desses sujeitos, em consequência de incapacidades físicas, cognitivas e mentais relacionadas à infecção (ROSA; FALAVIGNA, 2021). Durante as entrevistas realizadas, foi possível confirmar este aspecto, em que os sujeitos relatam os impactos e os prejuízos que percebem na sua saúde pós infecção:

Eu considero negativo, porque sinto que a minha memória foi o que mais foi afetada. Eu já tenho uma ansiedade para falar então acabo falando muito rápido. Mas eu senti que depois da covid e conversando com amigos, a gente acabou tendo o mesmo sintoma que é, às vezes estou no meio de uma conversa e não consigo concluir ela. Não consigo mais raciocinar direito. Mas a ordem do pensamento mesmo e pequenas coisas que eu faço eu esqueço muito rápido (Roberto, 28 anos, 2022, entrevista concedida em 20/08/2022).

Olha eu procurei me manter sempre fazendo o que eu fazia antes. Mas tive que voltar a medicação, que eu já tomava antes pra ansiedade e estresse, então tive que retornar o tratamento. Eu tava demais, pilhada pilhada mesmo. A minha visão, isso sim, comprometeu bastante, eu tive problemas nas articulações. Problemas de bursite, inflamação nas articulações, eu to esgualpada. Minhas três vértebras estoporadas, porque depois da covid eu fui começar a ficar ruim, me deu um calombo, bursite no quadril e não podia nem caminhar (Luana, 50 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Ai eu já tenho problema de fibromialgia a mais tempo, eu notei que ficou bem mais intensa a dor, o esquecimento, o sentimento ficou mais, eu noto que eu fiquei mais frágil qualquer coisa me afeta. Considero esses aspectos negativos. Após a infecção bem mais lenta, sem vontade. Tem dias que as vezes eu acabo fazendo muita pouca coisa, que faço só o básico e deu. Impacto nas atividades diárias: falta de ritmo para fazer as coisas, eu fiquei mais lenta, falta de vontade de fazer as coisas, coisa que eu não tinha. Dores nas articulações, eu não tinha artrose, coisa que eu descobri depois. Não sei se é que possa ser ou não, mas eu fiquei bem mais lenta (Maria, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 26/10/2022).

A partir das falas trazidas acima, é possível compreender que a Covid-19 provocou mudanças na qualidade de vida e na saúde das pessoas acometidas pela doença pós-infecção. O estudo de revisão sistemática “*Qualidade de vida relacionada à saúde em pacientes pós Covid-19: uma revisão sistemática*” de Nunes, Bento e Carvalho (2021), concluiu que os pacientes após a alta hospitalar tiveram uma significativa piora na saúde e em todos os aspectos ligados a qualidade de vida avaliados, este fenômeno também foi observado na amostra dos cinco sujeitos entrevistados/as no presente estudo, ratificando assim os elementos apontados na revisão sistemática mencionada. A capacidade funcional dos indivíduos da amostra sinaliza para aspectos que corroboram sintomas de depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e dificuldades cognitivas. Além desses sintomas, outras manifestações prejudiciais à saúde permaneceram após alguns meses da infecção, o que demonstra a necessidade do cuidado e atenção psicossocial, devido a importância de ressignificar a condição de saúde imposta pela Covid-19 e as consequências que ela pode vir a causar na vida e na saúde dos sujeitos.

Outro fator importante apontado pelos sujeitos entrevistados/as, foi a constatação das mudanças das dinâmicas familiares a partir da situação de adoecimento e de mudanças de rotinas causadas por um cenário pandêmico. As famílias mudam e se adaptam às circunstâncias históricas que estão inseridas. No cenário pandêmico, as relações interpessoais foram impactadas por uma ameaça invisível, implicando mudanças na dinâmica familiar podendo modificar e alterar o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo, cultural e social dos sujeitos dentro das famílias (RIO GRANDE DO SUL, 2021). Essas mudanças se tornam mais significativas quando as famílias em questão se deparam com a enfermidade de um dos seus membros, produzindo sofrimentos e alterações psicossociais em toda dimensão familiar.

Quando a morte se torna uma possibilidade próxima e real, sentimentos ambíguos podem ser despertados nos sujeitos, “morrer passou a não ser mais algo inerente e sim um acontecimento extremamente traumático, não apenas para o próprio paciente, mas como também para o núcleo familiar e, portanto, grandes são as tentativas de impedi-la” (MENOSSI; ZORZO; LIMA, 2012 *apud* ENCARNAÇÃO; FARINASSO, 2014, p. 138). Com base nisso, compreende-se que existe uma dificuldade por se tratar de um momento complexo quando existe a necessidade de internação por decorrência da Covid-19 ou por complicações pós infecção.

Como existe a rápida evolução da doença e sintomas que antes eram considerados brandos passam a ter um teor de gravidade e comprometimento importantes, as famílias, por muitas vezes, se desesperam frente ao desconhecido e a possibilidade de perda do seu ente

querido. Os familiares reconhecem como fatores de sofrimento o fato de não poderem dar apoio ao familiar contaminado no momento do diagnóstico e o agravamento do quadro da doença (CARDOSO *et al.*, 2020). É possível perceber tais afirmações nas falas de Julia e Roberto,

Os meus pais tiveram muito medo, minha mãe mora em outro estado, ela ligava todo dia preocupada. O meu pai também, mais ainda, ele ligava várias vezes todos os dias pra saber como eu estava, por medo né, muito medo. Ainda mais que eu comentei que estava tendo muita dificuldade pra dormir, respirar, então foi bem preocupante na parte deles (Julia, 25 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Minha família ficou muito preocupada, pois me ligavam muito por vídeo e eles viam minha voz muito fraca, não podia conversar. Conversava com eles sempre por áudio porque era melhor do que escrever, eu ficava muito preocupado. Porque quando eu vim eu melhorei e um tempo depois eu fui visitar meus avós. Minha mãe pegou covid depois e ficou muito ruim do pulmão também. Então foi mais essa questão, eu ficava com medo por conta que eles ficavam preocupados pelas vídeo chamados (Roberto, 28 anos, 2022, entrevista concedida em 20/08/2022).

De acordo com De Oliveira (2015) quando os sujeitos se encontram de frente com a hospitalização e um diagnóstico de doença, as famílias passam a ter que se adaptarem e a criarem algumas estratégias para lidarem com a doença. Para que isso ocorra, se torna necessária uma readaptação de papéis, no qual outros membros assumem as responsabilidades antes exercidas pelo familiar que está impedido de exercer sua rotina de atividades diárias. Conforme Luana, Maria e Marina mencionam:

Eu nos últimos 5 anos de ter a covid, eu trabalhei 30 anos pra uma senhora e nos últimos cinco anos eu vivi dia e noite cuidando dela, porque ela tinha câncer de intestino e no reto. Ai eu fiquei longe da minha casa. A minha casa ficou na mão da minha mãe e do meu filho. Tanto que a minha nora eu fui conhecer depois que eu fiquei doente e que minha patroa faleceu, ela já morava aqui com meu filho. Pra te ter uma ideia. Eu fui conhecer ela depois sabe. Depois que eu tive a covid a gente ficou mais unida sabe, eu dou valor a certa coisas na família e fora da família que antes eu não dava muita bola sabe, e hoje já sou mais apegada. Não sei porque a nenê nasceu e eu gosto muito, queria sempre uma menininha (Luana, 50 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Olha foi bem bom, até me surpreendi com eles. Realmente, eles estavam toda hora em volta, me cuidando. Oferecendo coisa para comer, porque eu não queria comer. Notei assim que realmente, deu uma revolução. A questão de passear, a gente saia pra viajar bem menos que agora. Então eu vejo assim, que parece que a gente começa a valorizar bem mais a vida. Tanto eu, quanto o marido. E o Lucas ficou assim muito flexível sabe. O Lucas é o filho mais novo que está em casa. Então a gente vê assim, que ele quer que a gente saia, ele incentiva. Então eu acho que foi por causa disso, acho que foi o susto (Maria, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 26/10/2022).

Tive a compreensão de todos e apoio. E como foi o emocional que realmente mais me abalou, mais do que os sintomas físicos da doença, o momento que mais mexeu comigo foi não poder receber familiares de outro país. Estávamos todos esperando ansiosos pela visita, depois de três anos sem vê-los. Tudo combinado para passar um final de semana comigo e não pude recebê-los. Isso foi bastante frustrante, bastante triste. Isso me abalou bastante. Eles tiveram, lógico, toda a compreensão, entenderam e ficaram tristes pela minha tristeza. E também tinham consciência de que se viessem nos visitar poderiam se contaminar. Então não pude viver este momento tão esperado, com pessoas que eu amo, minha sogra, meu cunhado, minha cunhada, meus sobrinhos,

de tão longe que vieram, da Austrália. Então foi um dos momentos que mais me marcou, que mais me abalou, mas senti todo o apoio e a compreensão deles. (Marina, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 05/10/2022).

Diante destes excertos, se percebe que tanto Maria quanto Marina relatam bons vínculos familiares, mesmo antes da Covid-19. Durante o período de infecção e após a doença, tais vínculos se fortaleceram entre todos os sujeitos infectados e seus familiares, demonstrando uma valorização das relações familiares. Desse modo, é possível relacionar que as condições impostas pela doença, como o afastamento, a hospitalização, o isolamento e o medo da morte do familiar acabaram, pelas falas trazidas acima, favorecendo o fortalecimento de tais vínculos.

Um dos objetivos do estudo ora apresentado aqui, foi compreender como o mundo do trabalho desses sujeitos foi impactado/modificado a partir da Covid-19. Carmo (1992), define o trabalho como “toda atividade realizada pelo homem civilizado que transforma a natureza pela sua inteligência” (p. 15). Esse autor complementa afirmando que a partir das práticas laborais o homem se transforma e se autoproduz. Nesse sentido, quando os sujeitos se deparam com o afastamento do trabalho por algum tipo de doença e também por algum tipo de comprometimento na saúde, podem expressar questionamentos acerca da sua força produtiva e qual o lugar que o trabalho vai ocupar a partir desse cenário. É possível relacionar as assertivas de Carmo (1992) as falas de Roberto e Maria:

Sou redator, ou seja, dentro disso envolve muita pesquisa de leitura, de informações que tenho que ir atrás. E hoje em dia quando eu tenho que sentar para ler um texto, às vezes é a minha maior dificuldade porque, de organizar todas essas informações na minha cabeça. Às vezes eu leio uma matéria gigante e na hora de escrever eu não lembro mais nada dela, por mais que eu leia de novo e devagar, eu tente raciocinar, me impacta muito nessas horas. Por isso de novo a parte da memória é muito forte porque eu uso ela o tempo inteiro no meu trabalho e às vezes é o que me impede de ter uma rotina de trabalho tranquila. (Roberto, 28 anos, 2022, entrevista concedida em 20/08/2022).

Sou Manicure, a dor nas articulações, a dor nos tendões da mão, que é uma coisa assim que eu não consigo realizar muitos atendimentos depois do outro, que era uma coisa que eu fazia antes. (Maria, 55 anos, 2022, entrevista concedida em 26/10/2022).

No Brasil, o impacto da Covid-19 não foi igual para todos os trabalhadores, o que reforçou as desigualdades e as dificuldades que já eram encontradas no mundo do trabalho. O cenário pandêmico exigiu mudanças nos processos produtivos e de trabalho. O regime *home office* foi uma solução encontrada para algumas classes de trabalhadores, porém, em contrapartida, muitos trabalhadores não tiveram essa opção. De acordo com Silva, Bandini e Dias (2022) nos ambientes laborais, os riscos de contrair a doença é definido pelo possível contato próximo a pessoas ou a superfícies contaminadas. Moreira, Meirelles e Cunha (2021) corroboram essa perspectiva, elucidando que para muitos trabalhadores a atividade laboral de

forma remota não foi possível, pois faziam parte da classe de serviços essenciais e acabaram se tornando os mais prejudicados pela pandemia, tal como é mostrado nas falas das entrevistadas, Julia (auxiliar de loja) e Luana (auxiliar de serviços gerais),

Eu peguei no trabalho de uma colega que tava com Covid e quando saiu o resultado a médica liberou ela pra trabalhar, foi quando eu peguei, eu tava muito ruim (Julia, 25 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

Eu me cuidando, eu trabalhando no transporte só podia, e aí na época da pandemia eu fazia plantão na rodoviária, sábados e domingos, todos os ônibus que chegavam de Santa Catarina, de tudo que era lugar, a gente tinha que entrar e fazer a higienização dos ônibus, Só pode ter sido ali né, quando entrava no ônibus muitos passageiros estavam sem máscara. (Luana, 50 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

A pandemia produz efeitos impactantes sobre as relações de trabalho, desequilibrando significações, atribuições de valores, crenças e desejos (LEITE, 2020). As rotinas tornam-se enfraquecidas pela ausência de reconhecimento de si e do outro, gerando um leque de incertezas, medo e angústia. O sentido que o trabalho tem na vida dos sujeitos, ou a falta do trabalho, podem causar alterações psicossociais, pois o mesmo contribui como fator de equilíbrio e desenvolvimento (PEREIRA *et al.*, 2020).

Segundo Moreira, Meirelles e Cunha (2021, p. 114) o padrão de vulnerabilidade durante a pandemia segue as vulnerabilidades sociais já presentes no Brasil, bem como, as políticas sociais e econômicas implementadas. Tais vulnerabilidades são relatadas por Luana,

Eu fiquei internada 11 dias e depois fiquei mais oito dias em casa e aí eu retornei, porque era pra eu encaminhar pelo INSS mas eu acabei não encaminhando porque tu sabe como estava na pandemia então eu voltei a trabalhar, porque dinheiro que é bom nada. Eu retornei, acho que fiquei uns 20 dias só afastada, mas a pau e corda. Eu subia as escadas e chegava a sentar, porque não conseguia respirar. (...) Depois que eu voltei a trabalhar eu passei muito mal ainda, porque eu tinha que usar a máscara no trabalho porque lá na empresa era obrigatório o uso da máscara. Então para subir os três lances de escada e levar café lá em cima e descer com bandeja pesada, eu subia três, quatro degraus e passava mal. Olha eu tive muita crise de ansiedade, ir pro banheiro tirar a máscara e tentar respirar e começar a tremer de nervo, mas o que eu ia fazer. Eu saía de lá e tinha que usar a máscara. (...) Meu trabalho é praticamente, eu tenho que forcejar né, porque eu tenho que subir e descer escada, levantar cadeira, arrastar mesa, armário. Limpeza de escritório. É braçal pesado mesmo, cansativo, mas eu gosto de fazer as coisas. (Luana, 50 anos, 2022, entrevista concedida em 25/08/2022).

A falta de um maior apoio para as pessoas que não conseguiram realizar seu trabalho de forma remota, ou seja, que precisavam estar presencialmente no trabalho ou nos trabalhos, gerou tal qual a fala da entrevistada Luana, uma ampliação da incerteza econômica, fazendo com que abdicasse de possíveis direitos trabalhistas, tais como solicitação de benefício por afastamento. Não se pode generalizar tal questão, pois pode ser uma situação específica. Entretanto, não pode-se deixar de mencionar que segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE) - as taxas de desemprego no Rio Grande do Sul no período do ano

de 2019 ao ano de 2022 variaram entre: 2019 - 8,9%, 2020 - 10,5%, 2021 - 8,5%, 2022 - 6,0%, portanto, não descarta-se que há nesta situação relatada a possibilidade de ser uma condição representativa de vários outros/as trabalhadores/as que tiveram seu aspecto laboral prejudicado devido a Covid-19, impactando em diversos aspectos psicossociais.

A partir dos excertos elencados é possível observar que os sujeitos vivenciaram e vivenciam privações nas múltiplas dimensões de suas vidas em decorrência da infecção por Covid-19. O emprego, a família e as relações sociais passaram por modificações, as quais impuseram uma nova fase na vida, em que o desconhecido se torna muito presente. Nas falas, se evidencia uma preocupação com o efeito psicossocial que esteve e está presente, interferindo de forma significativa (com seus desdobramentos, influências) no cotidiano dessas pessoas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das entrevistas foi possível constatar que os sujeitos entrevistados/as vivenciaram a partir da infecção por Covid-19 algum tipo de prejuízo físico, cognitivo ou mental, comprometendo a dimensão psicossocial, que conseqüentemente engloba a qualidade de vida, a família e o trabalho. Tendo em vista o reduzido número de sujeitos de pesquisa, cabe mencionar a dificuldade em captar participantes que estivessem dispostos a falar sobre os impactos da doença em suas vidas. Quando convidados a participar da pesquisa confirmaram em um primeiro momento, mas depois desistiram. Uma hipótese para isto, é de que falar sobre esse período de grande sofrimento traz desconfortos e/ou provavelmente algum mal estar, que acaba dificultando o relato de suas vivências sobre a infecção. Além disso, outra hipótese possível é o cenário geral que envolveu a pandemia, entre 2020 e 2022, marcado por diversas incertezas econômicas e sociais, a polarização política no Brasil e contextos de sofrimentos coletivos. Tais sofrimentos evidenciam a importância de discussões e ações para fortalecer políticas públicas sociais, de modo que em cenários de crise se possa viabilizar à população um espaço de cuidado integral à saúde. Por fim, é importante salientar, que a Covid-19 é um quadro recente de saúde e para que se possa afirmar que seus impactos psicossociais serão a longo prazo é necessário o contínuo e crescente desenvolvimento de estudos e pesquisas com uma amostra maior da população em questão.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275,

2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.53628/emrede.v7.1.621>. Acesso em 30 de maio de 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, L. As consequências psicológicas da hospitalização infantil: Prevenção e controle. **Aná Psicológica**, vol.16, no.1, p. 11-28. 1998. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10400.12/5676>. Acesso em 30 de maio de 2022.

BORGES, T. A quarta onda da pandemia: como a saúde mental virou outra crise do coronavírus. **Jornal O Correio**, Bahia – SA. 30 de maio 2020. Disponível em:
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-quarta-onda-da-pandemia-como-a-saude-mental-viou-outra-crise-do-coronavirus/>. Acesso em 28 de abril de 2022.

CARDOSO, É. A. de O. *et al.* Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online], v. 28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>. Acesso em 28 de abril de 2022.

CARMO, P. S. do. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna.1992.

GALASSI, A. D. O impacto Psicossocial do Isolamento Social na Universidade de Brasília. Covid-19 UnB em Ação. Brasília, 2021. Disponível em:
<http://repositoriocovid19.unb.br/repositorio-projetos/o-impacto-psicossocial-doisolamento-social-na-universidade-de-brasilia/>. Acesso em 03 de abril de 2022.

GOMES, L. C.; FRAGA, M. de N. de O. Doenças, hospitalização e ansiedade: uma abordagem em saúde mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 1997, v. 20, n. 3, p. 425-440. Disponível em: 22 <https://www.scielo.br/j/reben/a/k5rBJhLJ3sNwZwYXC5MNPBx/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 28 de abril de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE): **As taxas de desemprego no Rio Grande do Sul**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em 12 de novembro de 2022.

LEITE, K. C. A (in)esperada pandemia e suas implicações para o mundo do trabalho. **Psicologia e Sociedade** [online]. 2020, v. 32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240215>. Acesso em 28 de abril de 2022.

MACHADO, D. B.; TEIXEIRA, C. S. S.; ROCHA, A. dos S.; ALVES, F. J. O. COVID-19 e saúde mental: potenciais impactos e estratégias de atenção psicossocial. In: BARRETO, M. L.; PINTO JUNIOR, E. P.; ARAGÃO, E.; BARRAL-NETTO, M. (org.). **Construção de conhecimento no curso da pandemia de COVID-19: aspectos biomédicos, clínico assistenciais, epidemiológicos e sociais**. Salvador: Edufba, 2020. v. 2. Disponível em <https://doi.org/10.9771/9786556300757.010>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** (22a ed.). Petrópolis: Vozes, 2003.

MIRANDA, T. *et al.* Incidência dos casos de transtornos mentais durante a pandemia da COVID-19. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, 17, e4873. 2020 <https://doi.org/10.25248/reac.e4873.2020>. Acesso em 20 de maio de 2022.

OLIVEIRA, A. M. **Reconfigurações Familiares no Contexto do Adoecimento. Psicologia** [online] 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0973.pdf>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Sobre a Saúde no Mundo. Saúde mental: nova concepção, nova esperança.** Geneva: OMS, 2001. Disponível em: http://www.who.int/whs/2001/em/whr01_djmessage_po.pdf. Acesso em 25 de junho de 2022.

RIO GRANDE DO SUL. **Os Efeitos Biopsicossociais do Coronavírus: Interfaces na saúde mental.** II Jornada de saúde do servidor. Maio de 2021. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202105/05143659-3-cartilha-os-efeitosbiopsicossociais-do-coronavirus-interfaces-na-saude-mental.pdf>. Acesso em 1 de abril de 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22(44), 203-220. 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

ENTREVISTA CONCEDIDA

JULIA, 25 anos. Os efeitos psicossociais da Covid-19 em pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção. [Entrevista concedida a] Anna Limberger. Santa Cruz do Sul, 25 de agosto de 2022.

LUANA, 50 anos. Os efeitos psicossociais da Covid-19 em pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção. [Entrevista concedida a] Anna Limberger. Santa Cruz do Sul, 25 de agosto de 2022.

MARIA, 55 anos. Os efeitos psicossociais da Covid-19 em pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção. [Entrevista concedida a] Anna Limberger. Santa Cruz do Sul, 26 de outubro de 2022.

MARINA, 55 anos. Os efeitos psicossociais da Covid-19 em pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção. [Entrevista concedida a] Anna Limberger. Santa Cruz do Sul, 05 de outubro de 2022.

ROBERTO, 28 anos. Os efeitos psicossociais da Covid-19 em pessoas que necessitaram de cuidado hospitalar devido a infecção. [Entrevista concedida a] Anna Limberger. Porto Alegre, 20 de agosto de 2022.